



Os chamados do mestre: da beira mar à beira do abismo

Master Jesus' calls: from the seaside
to the edge of the abyss

*Ildo Perondi**

FAVI

*Patrícia Zaganin Camilo Rosa***

PUC-PR

Recebido em: 13/07/2023. Aceito em: 02/08/2023.

Resumo: *Este artigo objetiva refletir sobre alguns chamados de discípulos e discípulas por Jesus nos Evangelhos Sinóticos, no ano em que a Igreja do Brasil celebra o seu terceiro Ano Vocacional. Diferente dos mestres da sua época, Jesus vai ao encontro dos seus discípulos e discípulas lá onde estes estão vivendo e trabalhando. A iniciativa é sempre de Jesus. Ele vai à beira mar e, também, à beira dos abismos onde chama homens e mulheres para irem em seu seguimento. A origem de toda vocação continua sendo o encontro decisivo com Jesus Cristo e sua proposta. Os discípulos e discípulas que foram chamados não eram especialistas na Torá, porém responderam com prontidão e generosidade ao convite do Mestre. Esses modelos de chamados e, conseqüentemente, as respostas dadas a eles lançam luzes para os desafios das vocações de hoje.*

Palavras-chave: *Vocação; chamado; seguimento de Jesus; discípulos e discípulas.*

Abstract: *This article aims to reflect on some calls of the male and female disciples by Jesus in the Synoptic Gospels, in the year in which the Church*

* Doutor em Teologia Bíblica (Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2015). Mestre em Teologia Bíblica (Pontifícia Universidade Urbaniana, Roma, 2002). Atualmente é Professor de Sagradas Escrituras no Studium Theologicum e na Faculdade Vicentina (FAVI), em Curitiba, PR.

E-mail: ildoper@gmail.com.

** Doutoranda em Teologia Bíblica (Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUCPR, Curitiba, PR). Mestra em Teologia Bíblica (Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUCPR, Curitiba, PR, 2017). Coordena cursos de especialização pelo INSECH.

E-mail: patriciazaganin@hotmail.com.





of Brazil celebrates its third Vocational Year. Different from the masters of his time, Jesus goes to meet his disciples where they are living and working. The initiative is always Jesus. He goes to the seaside and also to the edge of the abysses where he calls men and women to follow him. The origin of every vocation remains the decisive encounter with Jesus Christ and his proposal. The male and female disciples who were called were not specialists in the Torah, but they responded promptly and generously to the Master's invitation. These models of calls and, consequently, the responses given to them shed light on the challenges of today's vocations.

Keywords: *Vocation; call; following Jesus; male and female disciples.*

Introdução

A Igreja do Brasil celebra, em 2023, um ano dedicado às vocações com o tema: “Vocação: Graça e Missão”, e o lema: “Corações ardentes, pés a caminho”, inspirando-se na passagem dos discípulos de Emaús (Lc 24,32-33). O Texto-Base (TB n. 2) do Ano Vocacional lembra que a origem, o centro e a meta de toda vocação e missão é a própria pessoa de Jesus Cristo, pois é Ele que toma a iniciativa de chamar e de enviar. A origem de toda vocação está em um encontro decisivo com Jesus Cristo, pois não basta ouvir o que falam dele, mas é necessário encontrá-lo e vislumbrá-lo nos caminhos da História (TB n. 22).

Por ocasião do Simpósio Bíblico “Bíblia e Vocação”, realizado de 23 a 25 de maio de 2023, pela FACASC, foi solicitada uma conferência com o título “Os chamados do mestre: da beira mar à beira do abismo”. Desta conferência resultou o presente artigo, cujo tema é instigante e desafiador, com o objetivo buscar nos evangelhos sinóticos respostas vocacionais aos chamados de Jesus, que pudessem lançar luzes para o desafio das vocações na Igreja do Brasil, por ocasião do III Ano Vocacional.

Partiu-se da análise teológica e interpretação de textos selecionados dos evangelhos sinóticos. Primeiro do chamado dos quatro primeiros discípulos em Mc 1,16-20 (e paralelo em Mt 4,18-22); em seguida, o chamado dos primeiros discípulos no Evangelho de Lucas; depois o chamado das mulheres para serem discipuladas; e, por fim, o chamado do homem endemoniado geraseno de Mc 5,1-20. O “abismo” soa um tanto enigmático à primeira vista, no entanto, ao analisarmos o local e o modo como se deram constatamos que foi uma novidade para a época. O lugar onde Jesus foi buscar seus discípulos e discípulas fugiu ao modelo convencional da época.



1 O chamado dos primeiros discípulos

Depois de narrar de forma abreviada que Jesus venceu as tentações, o evangelista Marcos apresenta Jesus em atividade na Galileia, anunciando o Reino de Deus e chamando as pessoas à conversão e à preparação para a chegada do Reino que já está próximo (Mc 1,14-15). Em seguida, Jesus se dirige à beira mar onde chama os primeiros quatro discípulos (Mc 1,16-20, cf. texto paralelo de Mt 4,18-22).

Para o povo da Bíblia, o “mar” significa o inimigo a ser superado. Foi assim na saída do Egito quando tiveram que atravessar o Mar Vermelho. Pensava-se que no mar era moradia do Dragão e símbolo do mal (Jó 7,12). O mar indica desorganização, hostilidade e perigo de morte. O mar simboliza o império que se levanta contra Deus e oprime o povo (Dn 7; Ap 13,1; 19,20; Ex 14–15). (SOARES; CORREIA JÚNIOR, 2002, p. 80). E é justamente à beira mar que Jesus vem chamar seus primeiros discípulos.

A iniciativa do chamado depende exclusivamente de Jesus. Diferente da prática comum da época em que os discípulos iam em busca do mestre, é Jesus quem vai à procura dos primeiros discípulos. Ele vai lá aonde eles estão, em seus locais de trabalho, à beira do Mar da Galileia. O discurso gira em torno dos instrumentos de trabalho: redes, pesca e barcos.

Com esse grupo, Jesus forma comunidade ao redor de si. Primeiro está o chamado de Simão Pedro e seu irmão André; e, logo em seguida, o chamado de outros dois irmãos, Tiago e João, os filhos de Zebedeu. Esses quatro discípulos são os primeiros da lista dos Doze e, também, estarão presentes nos momentos mais importantes da vida de Jesus (Mc 1,29; 9,2; 14,33 etc.). Estes quatro simbolizam também a nova caminhada que será feita pelo Evangelho. “São quatro, isto é, representam todas as pessoas que se dispõem a seguir a Jesus e assumir a sua missão, gente proveniente dos quatro cantos da terra” (SOARES; CORREIA JÚNIOR, 2002, p. 80).

Interessante notar que, antes de chamar, Jesus “viu” Pedro e André, e depois “viu” Tiago e João. No Antigo Testamento, antes de chamar e escolher seu povo, Deus “viu” sua situação (Ex 3,7). Quem vê, conhece, sabe quem é. Jesus sabe os nomes dos pescadores; sabe quem eles são e o que eles fazem.



O primeiro a ser chamado é Simão. Em Marcos, ainda não ocorreu a mudança do nome para “Pedro” que só ocorrerá no momento da instituição dos Doze (Mc 3,16). E então será sempre Pedro o primeiro a ser nominado na lista dos Doze Apóstolos (Mt 10,2; Mc 3,16; Lc 6,14; At 1,13). Seu nome era *Simão* ou *Simeão* (**Barjonas**: filho de Jonas, segundo Mt 16,17; Jo 21,15), cujo significado é “aquele que ouve”. Para se identificar com a sua nova missão, Jesus lhe deu o nome aramaico *Kepas*, como será reconhecido mais tarde (Jo 1,42; 1Cor 1,12; 3,22; 9,5; 15,5; Gl 1,18; 2,9.11.14); em grego *Petros*; e *Petrus* em latim. É possível que ele não tivesse seu próprio barco, mas pescasse da margem do lago ou de um barco pertencente a outra pessoa (Mc 1,16-20). Marcos informa também que vivia com sua mulher, na casa da sogra, pois não tinha casa própria (Mc 1,30-31) (PIKASA, 2023).

O segundo a ser chamado é André, irmão de Simão Pedro. No Evangelho de João, André era primeiramente discípulo de João Batista e foi o primeiro a seguir Jesus (Jo 1,40). Jesus chama duplas de irmãos, porque “dois” é o princípio de muitos, e o Filho chama para a fraternidade. Aliás, não há uma chamada só. Depois da primeira, há uma segunda, outras, muitas, tantas quanto o seu infinito amor por nós. (FAUSTI, 1994, p. 40). Mais adiante, Jesus dirá que “a colheita é grande, mas poucos os operários. Pedi, pois, ao Senhor da colheita que mande operários para a colheita” (Mt 9,37-38).

Pedro e André são pescadores. Eles são de Betsaida (casa da pesca). São chamados no seu local de trabalho. A pescaria por profissão comporta os riscos, as dificuldades, os perigos, a frustração. É no mar que eles sabem lançar as redes em busca de peixes; outra missão os espera, em outro “mar”, irão lançar suas redes.

Jesus é o Mestre. Ele sabe o caminho e, por isso, vai à frente. Os discípulos são chamados para o seguimento, isto é, ir atrás dele. É isso que significa a expressão grega *opiso mou*. No anúncio da Paixão (Mc 8,31-33), Pedro chama Jesus à parte e o repreende, pedindo que não tome o caminho da cruz. Jesus o manda ir para trás, usando a mesma expressão *opiso mou* (Mc 8,33): “vai para trás de mim” (e não “afasta-te de mim” ou “vá para longe de mim”, como traduzem algumas Bíblias). Atrás de Jesus é o lugar de todos aqueles e aquelas que são chamados ao seguimento. Quem quiser ir à frente de Jesus será também sempre pedra de tropeço, será “satanás” tentando desviar o caminho do Mestre.



Os quatro primeiros discípulos foram chamados para uma missão: serem “pescadores de homens”. Trata-se de uma metáfora para dizer que os discípulos deverão tornar-se como o Filho, que tira os irmãos do abismo das suas perdições (Mc 1,39). A profundidade das águas é boa para os peixes, mas é mortal para os seres humanos. Esses precisam ser “pescados” do abismo, símbolo do nada e do mal, para respirar vivos e livres em seu *habitat* natural (FAUSTI, 1998, p. 58). Os discípulos que foram “pescados” por Jesus se tornam como o Mestre: filhos que devem ser irmãos de todos os irmãos que estão perdidos. Na verdade, eles só entenderão o seu próprio chamado quando forem, por sua vez, enviados para a “pesca” (Mc 3,14-15).

É importante ressaltar como o evangelista Marcos sinaliza a urgência dada ao chamado e à resposta, valendo-se do termo grego *eutis*. É a urgência do Reino de Deus, por isso, Marcos insiste em dizer que tudo acontece “logo”, “imediatamente” (vv. 18 e 20), ao mesmo tempo em que cada pessoa chamada demonstra a pronta disponibilidade para o seguimento. “Para seguir a Jesus é preciso romper com o mar e partir a edificar um novo sistema de convivência social. Seguimento e missão são inseparáveis. A ruptura tem que ser pronta e imediata (v. 18 e 20).” (SOARES; CORREIA JÚNIOR, 2002, p. 79).

A segunda dupla de chamados é formada por Tiago e João. Eles são os filhos de Zebedeu, cujo significado é “dom de Deus” ou “dom de YHWH”. Quanto a Pedro e a André, não se mencionou o nome do pai, apenas que eram irmãos. Naquela época era comum alguém ser conhecido pelo nome do seu pai. A ausência do nome do pai, pode sugerir que ele já estivesse morto.

Tiago e João estavam consertando as redes. É possível ver nas duas situações em que os discípulos foram chamados a dupla revelação da missão da Igreja. Os dois primeiros estavam “lançando as redes”; os outros dois estavam “consertando as redes”. Na Igreja, é preciso ter aqueles que lançam, isto é, que vão em missão; mas também são necessários aqueles que permanecem e estruturam o trabalho pastoral.

A segunda dupla deixa a barca e o pai. Os primeiros deixaram o trabalho que faziam; os outros dois deixam o convívio familiar. Para o seguimento, pede-se o desprendimento e a doação total, e isso tem um significado espiritual mais profundo: o discípulo passa a fazer parte de uma comunhão de vida com o mestre, que a partir deste momento lhe mostra as metas a serem alcançadas, Jesus o instrui, guia-o, traça-lhe em



precedência a via terrena e o faz participar de seus projetos (SCHNACKENBURG, 2002, p. 38).

O Reino de Deus é dado gratuitamente a todos e interpela cada pessoa à conversão. Converter-se é mudar o coração e a direção dos próprios pés. A proposta de Jesus espera, em contrapartida, uma generosa resposta. Por iniciativa de Deus, o Reino de Deus já veio; a entrada nele, porém, depende da liberdade de cada pessoa chamada. A conversão é voltar-se para Jesus, fazendo em seu seguimento o mesmo caminho. Jesus caminha, vê, chama alguns pescadores para uma pesca diferente. Eles deixam redes, barca e pai, e seguem o Mestre Jesus. Esses são os elementos de toda vocação em todos os tempos até nossos dias. Começa com os pés de Jesus que vêm ao nosso encontro e termina com os nossos pés que pisam nas suas pegadas para segui-lo, em busca daquelas pessoas que estão perdidas, para salvá-las!

Mais adiante, encontramos o chamado de Mateus (Mc 2,13-14; Mt 9,9). Também ele foi chamado enquanto Jesus andava à beira mar e o encontrou em seu local de trabalho. A diferença deste chamado é que Mateus não é pescador. O restante dos componentes do chamado é muito parecido: é Jesus que vai até o local onde está Mateus, a iniciativa é de Jesus, a decisão é imediata e ele deixa tudo e se coloca no seguimento do Mestre. A novidade é que Mateus demonstra a alegria e a generosidade e, por isso, oferece um grande banquete (Mc 2,15-17; Mt 9,10-13).

Em Marcos 3,13-19, Jesus se encontra na montanha, onde passou a noite em oração. É ali que ele institui o grupo dos Doze. Os evangelhos não relatam como foi o chamado dos outros sete discípulos que se somaram aos quatro primeiros e a Mateus para formar o grupo dos Doze. Um detalhe importante é que Jesus teve a liberdade e a iniciativa de escolher, pois “chamou aqueles que ele quis” (v. 13). Em seguida, estão os três pontos para aquilo a que os Doze foram chamados e constituídos: a) ficar com Jesus; b) irem anunciar e pregar; c) fazer o bem e libertar as pessoas dos seus males e sofrimentos.

Mais tarde, os Doze serão enviados em missão (Mc 6,6-13; Mt 10,1.9-14). A vocação dos discípulos está intrinsecamente unida à vocação do Filho que veio em nome do Pai. No agir dos discípulos a serviço do Reino de Deus, continua se estendendo a vocação do próprio Jesus que os chamou e, também, enviou. “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio [...]” (Jo 20,21).



Marcos indica outra informação importante: a casa passa a ser o local onde Jesus explica as Escrituras aos seus discípulos. Não é mais o Templo e nem as sinagogas o lugar da Palavra e do Sagrado, mas a “casa de Jesus”, mencionada seis vezes como local de ensinamento. “Ele estava em casa [...] e anunciava-lhes a Palavra” (2,1-2); “E voltou para casa. E de novo a multidão se apinhou [...]” (3,20); “Entrou em casa; seus discípulos o interrogaram sobre a parábola” (7,17); “Ao entrar em casa, seus discípulos perguntaram-lhe [...]” (9,28); “Em casa, ele lhes perguntou: ‘Sobre que discutíeis no caminho?’” (9,33); “Em casa, os discípulos voltaram a interrogá-lo a respeito desse ponto” (10,10).

O chamado dos discípulos foi feito fora do lugar “normal” (escolas, sinagogas), isto é, no lugar em que onde as pessoas viviam e trabalhavam. A missão para a qual foram enviados também não é para irem às sinagogas ou ao Templo, mas os discípulos são enviados ao mundo, às casas, àquelas pessoas marginalizadas e esquecidas pelo sistema religioso e político da época. Em outras palavras: a missão dos discípulos é extensão e continuidade da missão de Jesus.

Os primeiros chamados não são doutores na *Torá* judaica, mas simples pescadores que aderem ao plano libertador de Deus: a resposta ao chamado de Jesus não é meramente intelectual, exige uma decisão interior. Eles não estão prontos. Precisam fazer caminho e caminhar com o Mestre que os chamou.

2 Simão Pedro: “pescador” ou “pecador” (Lc 5,1-11)

Diferente de Marcos e Mateus, Lucas organiza melhor seu Evangelho (Lc 1,2). Deve ter soado estranho que alguém aparecesse à beira do lago e, no primeiro contato com os pescadores, fizesse um chamado e imediatamente quatro deles tenham respondido sem nenhum conhecimento ou questionamento do projeto. Então, deixando as redes, barcos e família, saíram em seguimento de um mestre desconhecido.

Por isso, antes do chamado dos primeiros discípulos, Lucas apresentou Jesus, anunciando o projeto do Mestre na sinagoga de Nazaré (4,16-21). Jesus fez vários ensinamentos aos sábados, os quais eram vistos com autoridade e, com isso, sua fama se espalhava por todo lugar na redondeza (4,31-37). Jesus curou a sogra de Pedro quando este ainda não era seu discípulo (4,38-39). Depois Jesus realizou muitas curas e libertou as pessoas dos seus males (4,40-41). Jesus não permaneceu somente em



Cafarnaum, mas anunciou seu projeto por povoados, cidades, sinagogas. Por isso, as multidões o procuravam, queriam retê-lo para si (Lc 4,42-44).

Somente Lucas preocupa-se em montar um cenário em que Jesus ensina o povo todo reunido e depois dirige uma palavra de ordem clara aos discípulos. O contexto literário reforça esta ideia, Jesus já havia proclamado a Palavra de Deus na sinagoga de Nazaré, a qual lhe conferia caráter messiânico. Esta Palavra gerava sinais pelas curas que ocorriam na Galileia. (PERONDI; CATENASSI; SILVA, 2013, p. 695).

As multidões iam a Jesus não somente para serem curadas, mas porque queriam ouvir sua palavra, conhecer seu ensinamento e escutar a sua mensagem (5,1). Numa destas ocasiões, Jesus subiu no barco de Simão (Pedro) e estava ensinando. Depois mandou que lançassem as redes para águas mais profundas. Então aconteceu a pesca milagrosa.

Diante do milagre, a primeira reação de Simão é de atirar-se aos pés de Jesus, afirmando: “Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um pecador” (5,8). “Mediante esta boa resposta possível, Simão confessou sua condição humana limitada e implorou a clemência divina” (BOVON, 2005, p. 335). Mais do que pescador, em Lucas, Pedro é um “pecador”. Este não é apenas um detalhe isolado, mas uma característica fundamental no Evangelho de Lucas, no qual Jesus é apresentado como o médico de corpos e de almas. Ele é aquele que cura as enfermidades do povo; liberta dos demônios, purifica os leprosos e perdoa os pecados. Lucas é o Evangelho que apresenta Jesus como o portador da salvação, da misericórdia e da compaixão em favor das pessoas excluídas, marginalizadas e consideradas pecadoras.

É no terceiro evangelho que se encontram os “grandes perdões” de Jesus:

- O perdão à mulher pecadora que muito amou (7,36-50);
- O perdão ao filho perdido e recuperado (15,11-32);
- O perdão e a salvação a Zaqueu e sua casa (19,1-10);
- O olhar de Jesus leva Simão Pedro ao arrependimento (22,54-62);
- Na cruz, Jesus perdoa seus algozes e aqueles que o crucificaram (23,34);
- O perdão ao malfeitor como ele pregado na cruz (23,39-43).

A esses episódios, deve-se ainda acrescentar o perdão à mulher colhida em flagrante delito de adultério, situado em Jo 8,1-11. Essa passagem, inserida no Evangelho de João, no entanto, tem muita pro-



babilidade de ser um texto de autoria de Lucas, pois apresenta todos os traços e estilos lucanos.

Em Lucas, o chamado dos primeiros discípulos também se dá à beira do Lago de Genesaré, quando as multidões acorrem a Jesus para ouvir a sua mensagem. O lugar do anúncio da Palavra de Deus não é mais a sinagoga (4,15.44), mas é lá onde o povo está e onde o povo pode ir, sem restrições de leis. É a Palavra que se encarna na vida do povo, no chão da vida, no ventre da humanidade. À beira do lago torna-se, para Jesus, o lugar privilegiado da pregação da Palavra de Deus.

A multidão apertava-se ao seu redor para ouvir a palavra de Deus. É preciso imaginar a cena, as pessoas querendo chegar o mais perto possível para captarem melhor as palavras. Isso indica a fome e a sede que o povo tinha em ouvir uma palavra confiável da parte de Deus, sem estar marcada pela rigidez da lei, sempre condenando mais do que ser, efetivamente, uma boa notícia de salvação. A atitude da multidão contrasta com aquela dos adversários de Jesus que se aproximavam para tentá-lo. É essa multidão que, desde o início, ficou encantada “com o seu ensinamento, pois Jesus ensinava com autoridade” (Lc 4,32).

A atitude de Jesus é subir na barca, sentar-se e então falar às multidões. A barca que foi construída para a pesca torna-se agora o lugar do ensinamento da Palavra de Deus. Essa barca torna-se símbolo da Igreja. Jesus está na barca “sentado”, significa a posição do Mestre que ensina a Palavra, mas também como o remador que guia e conduz a barca.

É com a sua palavra que Jesus ordena os pescadores para que se aventurem para águas mais profundas. “Avança” x “lançai”: passa-se de um singular para o plural. Simão Pedro não está mais só. É a missão da Igreja. Junto está outra barca. Para pescar com duas barcas são necessárias ao menos quatro pessoas para conduzir as barcas e lançar as redes. André não é mencionado no texto. Seria ele o quarto? É a missão comunitária da Igreja que deve ir ao alto-mar, às águas profundas.

Pedro recorda a Jesus que passaram a noite inteira trabalhando em alto mar e não capturaram nada. Longe de Jesus, a barca corre riscos, não produz frutos, não pesca peixes, pode naufragar.

Pedro responde ora como pescador, ora como discípulo. Como pescador, não deve nada a um homem que não tem tanto tempo de ofício quanto ele e se ocupa de outra profissão; estão todos cansados da pesca noturna e sabe que durante o dia não é possível conseguir muito êxito. Simão



chama Jesus de epistáta (“mestre”) e sua resposta (“trabalhamos a noite inteira sem nada apanhar”) pode ser um indicativo de uma repreensão subentendida. O título dado a Jesus no v. 5, epistáta, pode ser traduzido como “mestre”, mas deve ser entendido no sentido de “chefe”, não usado para um mestre de escola, mas para um superior que possua certa autoridade (PERONDI; CATENASSI; SILVA, 2013, p. 698).

No entanto, Pedro obedece por causa da palavra de Jesus. A obediência e confiança na palavra de Jesus produz resultado. Eles encheram as duas barcas. O verbo grego empregado aqui e no v. 9 é *sulambano* cujo significado é “encher, conceber”. É o mesmo verbo que o Anjo usa para Maria, que pelo poder do Espírito concebeu (1,31.38). As barcas ficam cheias, repletas, concebidas pela Palavra. O discípulo, como Maria, concebe! O resultado é que as duas – Maria e a barca – ficam “cheias”, mas não afundam. Temos aqui uma imagem da Igreja, que, conduzindo os irmãos perdidos à salvação, na realidade, concebe o Filho que se fez o último dos últimos.

Eles levaram as barcas para a margem, deixaram tudo e seguiram a Jesus. Pedro torna-se pescador de homens e mulheres para a missão da Igreja e do Reino. “Lucas afirma: tu eras pescador, porém de agora em diante pescarás homens vivos” (BOVON, 2005, p. 335). As barcas ficam lá na margem do Lago e a missão segue pelo mundo afora.

A mensagem de Jesus é sobre chamado e missão. Nós também somos chamados hoje. Primeiro a aproximar-se, apertar-se para ouvir a Palavra de Deus. Acolher a palavra de Jesus que nos envia e com ela nos chama. Também nós – pescadores das noites escuras e sem peixes – devemos nos reconhecer pecadores. É nossa condição humana. Jesus, porém, é quem nos restaura. De pecadores, passamos a ser discípulos e discípulas, enviados às “águas profundas” deste mundo, sabendo que que a barca é de Jesus e é ele que guia e conduz a sua Igreja em missão. “Não deixemos que nos roubem a força missionária” (EG 109).

3 O chamado daquelas mulheres à beira dos abismos (Lc 8,1-3)

Somente Lucas narra a passagem em que o grupo das mulheres já segue Jesus desde a Galileia, enquanto ele anuncia o Reino de Deus por cidades e povoados (8,1-3). O texto mostra que Jesus está sempre a caminho. Ele se desloca, movimenta-se, vai ao encontro das pessoas



para anunciar-lhes a boa notícia do Reino de Deus, o grupo dos Doze Apóstolos e o grupo das mulheres o acompanham. As mulheres seguem e servem a Jesus “assim como” os Doze. Elas são colocadas em paridade, sem distinção. São discípulas. É o grupo feminino que acompanha Jesus.

Os mestres da época não admitiam mulheres como discípulas. Jesus mais uma vez inova ao incluir as mulheres como suas seguidoras. Ele não exclui, ao contrário, acolhe. Essas mulheres seguem e servem a Jesus; elas exercem seu serviço (diaconia). Esse grupo será fiel até o fim. Elas estarão com Jesus no caminho do Calvário (23,27), aos pés da cruz (23,29.55) e na manhã da ressurreição (24,1.10.22).

Maria, chamada Madalena, era de Magdala e, assim, era conhecida. Magdala significa “torre forte”. Ela é a primeira da lista das mulheres, como Pedro é o primeiro dos Apóstolos. Maria Madalena é alguém que experimentou a graça de Deus e foi curada dos “sete demônios”. O número sete indica um mal muito forte. “Demônio”, na Bíblia, nunca se refere a pecados morais, mas a males desconhecidos que atrapalham a vida das pessoas. Que “demônios” eram os que incomodavam Maria Madalena?

A segunda nominada é Joana, mulher de Cuza, o procurador de Herodes. É uma mulher da elite. Não é informado se ela abandonou o marido para seguir Jesus. De Susana só se diz o nome dela e não há mais qualquer referência. E havia várias outras. Não são somente as três. Há um grupo de mulheres que fazem parte do grupo de discípulas.

Elas ajudavam a Jesus e seus discípulos. Elas serviam a Jesus e aos Doze, isto é, à comunidade (Igreja). Serviam com aquilo de que dispunham. Com os bens que possuíam. Naquela época, as mulheres dificilmente poderiam possuir bens materiais ou dinheiro. Portanto, mais do que bens materiais, elas serviam com seu jeito, com sua voz, seu serviço. A tradução por “bens materiais” não é a mais indicada. A expressão grega é *yparchonton*, que é derivada do verbo *yparcho*, classificada como um particípio presente, ativo, nominativo, masculino, identificada quinze vezes no Novo Testamento, traduzida por “sendo” ou “estando” em At 2,30, Gl 2,14 e Fl 2,6. E bem mais do que “bens materiais”, devemos entender que elas serviam com os seus recursos, suas possibilidades.

Há, portanto, um indício que o termo yparchonton pode ter outros empregos além de “bens” e é possível presumir que em Lc 8,3 as mulheres seguiam a Jesus e o serviam com o que possuíam, não significando necessariamente que se trata-se exclusivamente de bens econômicos (RODRIGUES, PERONDI; ROSA, 2018, p. 320).



Jesus dá passos à frente, supera a divisão que havia entre homens e mulheres. O mesmo espaço é dado tanto aos homens como às mulheres. Jesus acolhe e empodera quem está na marginalização e exclusão. As mulheres “servem”, isto é, *diekónoun*, exercem a sua diaconia, o serviço ao Reino de Deus. Segundo Bovon, o verbo *diakonéo* não quer indicar somente ajuda em dinheiro; para ele, “Lucas emprega este verbo em sentido pleno e concreto, ou seja, as mulheres foram responsáveis pela organização prática da comunidade reunida em torno de Jesus” (2005. p. 565-566).

Assim às mulheres é resgatado e devolvido o lugar que lhe era negado. “Jesus não se contenta de elevar a mulher acima do nível em que a tradição a mantinha, coloca-a em pé de igualdade com o homem” (JEREMIAS, 2010, p. 494). Se no Templo e nas sinagogas as mulheres não tinham espaço, na Igreja nascente as mulheres terão um papel importante (Rm 16,1; At 1,14; 12,12; 16,13-15; 17,4.12.34 etc.). Elas assumem o discipulado na fidelidade e na perseverança até as últimas consequências. “As formas com que elas entram na vida e na missão de Jesus é diversa, mas a forma como o seu seguimento é apresentado aponta sempre para um modelo fiel e radical (MAZZAROLO, 2004, p. 268).

Os outros evangelistas também citam as mulheres como seguidoras, porém somente são mencionadas no final do Evangelho, na cruz e na ressurreição. Lucas poderia nos ter informado sobre o chamado e a vocação das mulheres. Se nenhum Mestre tinha discípulas, mais uma vez devemos admitir que a iniciativa foi de Jesus. Então ficamos imaginando como foi o primeiro chamado, com muita certeza a primeira foi Maria Madalena, e foram surpresas a resposta e o anúncio às demais mulheres de que elas também poderiam ser discípulas de um Rabí. É possível também que elas tenham sentido a rejeição do grupo masculino. Todavia, mais do que isso, devem ter sentido a alegria e a generosidade de poder seguir e servir, de serem discípulas autorizadas.

Na Conferência de Puebla, a Igreja latino-americana destaca que “a mulher com suas aptidões características, deve contribuir eficazmente para a missão da Igreja, participando em organismos de planejamento e coordenação pastoral, catequese etc.” (2006, p. 845; 848).



4 O chamado de um homem à beira dos abismos

Um homem possuído por um espírito impuro, vindo dos túmulos, veio ao encontro de Jesus (Mc 5,1ss). A situação desse homem nos assusta. Ele vivia no meio das tumbas e ninguém podia dominá-lo. Ele arrebatava grilhões e estraçalhava correntes, de modo que ninguém conseguia segurá-lo. Nem sequer dormia, pois, dia e noite, perambulava pelos túmulos e pelas montanhas, dando gritos e ferindo-se com pedras. Este é um dos textos mais difíceis do Novo Testamento, além da situação do homem e do que aconteceu no encontro com Jesus, o texto traz outros problemas para a sua interpretação, pois informa que o fato se passou “do outro lado do mar, na região dos gerasenos” (Mc 5,1). Ora, se olharmos no mapa, na região de Gerasa, não existe mar e está a 800 metros acima do nível do mar.

Na opinião de Schnackenburg (2002, p. 111) o fato deve ser localizado na costa oriental da região da Decápole. As cidades de Gerasa ou Gedara foram nominadas por serem as cidades mais importantes e conhecidas da região, porém estavam situadas ao interno da Decápole, distantes do mar da Galileia. O autor cita Orígenes para afirmar que o local se chamava Kursa, onde os montes são íngremes e caem em direção ao mar.

Ao ver Jesus, o homem endemoninhado correu e prostrou-se diante dele. O gesto é bonito, pois se esperava que ele fosse pedir um milagre, para ser libertado do mal que o atormentava. No entanto, não é isso que ele pede em alta voz: “Que queres de mim, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Conjuro-te por Deus que não me atormentes!” (Mc 5,7). Ou seja: o homem sabe quem é Jesus, dá-lhe um bom título, mas pede para que Jesus o deixe em paz e vá embora. Jesus, no entanto, não escuta o seu pedido, mas lhe diz: “Sai deste homem, espírito impuro!”.

Um novo problema surge quando Jesus lhe pergunta o nome. A resposta é: “Legião é meu nome, porque somos muitos”. De fato, Legião é um nome coletivo, plural, mas não é nome de gente. E o homem rogou insistentemente que Jesus o mandasse para fora daquela região. E os espíritos impuros rogaram-lhe que Jesus os mandasse para a manada de porcos.

Outro problema surge: por que é que haveria uma manada tão grande (cerca de dois mil porcos) se os judeus não comem carne de



porco? Quem seria o louco que gastaria tanto tempo e tanto dinheiro para ter um prejuízo assim?

Então Jesus permitiu, e os espíritos impuros que habitavam no pobre homem se precipitaram para dentro dos porcos e estes se arrojaram precipício abaixo e se afogaram no mar. As pessoas que cuidavam dos porcos ficaram apavoradas, vieram ver o que tinha acontecido. Encontraram o homem sentado, vestido e em são juízo. E os donos dos porcos (em vez de louvar a Deus) “começaram a rogar que Jesus se afastasse do seu território” (Mc 5,17).

Então Jesus entrou no barco e o homem queria ir com ele, mas Jesus não deixou, e disse-lhe: “Vai para a tua casa e para os teus e anuncia-lhes tudo o que o Senhor na sua misericórdia fez por ti” (Mc 5,19). E o homem começou a proclamar pela Decápole (dez cidades) o quanto Jesus fizera por ele. O seu desejo era estar com Jesus, porém ele responde enviando-o em missão (vv. 18-20). Ele “já é apóstolo, porque está em grau de contar aos outros aquilo que o Senhor fez por ele, anunciando a sua misericórdia” (FAUSTI, 1994, p. 165).

Em verdade, quem está sentado, vestido e de mente é já um homem novo, com ele, está o Filho. Por isso, como ele, é enviado aos seus irmãos ainda escravos. Cada libertação se torna uma missão. Estar com ele e ser enviado são as duas notas essenciais do apóstolo (3,14s) (FAUSTI, 1994, p. 169).

A maioria dos biblistas concorda que o texto é uma forte crítica ao império romano que dominava a Palestina no tempo de Jesus e escravizava as pessoas. Não se podia falar mal dos romanos abertamente. De fato, na região de Gerasa, não há mar. Mas havia uma Legião de soldados romanos. Os judeus não comiam carne de porco, mas os romanos sim. Os porcos “vão para dentro do mar”, isto é, dentro dos romanos, como era o destino da carne de porco. Para os judeus, o mar era sempre um perigo, desde a saída do Egito, quando tiveram que atravessar o mar que queria engoli-los (Ex 14). Os romanos se julgavam donos do mundo e vinham pelo mar, com suas galeras de guerra. Eles se achavam os donos do mundo e diziam do Mediterrâneo *marem nostrum*.

Se o texto é difícil de ser explicado em algumas partes, devemos olhar como começou e como terminou. Começou com um homem em terrível situação. Graças à intervenção de Jesus, ele ficou bom. Jesus não o quis consigo, nem o devolveu aos túmulos (que é lugar dos mortos), mas



o enviou para casa, de onde havia sido expulso. O homem que não servia para nada, tornou-se anunciador da bondade de Deus! Bem diferente foi a posição dos donos dos porcos que só viram o prejuízo e mandaram Jesus embora. Para eles, a vida tinha menos valor do que os porcos.

Jesus enviou o homem para anunciar a misericórdia de Deus aos da sua casa. No entanto, ele mesmo amplia o âmbito do anúncio. Vai anunciar em toda a Decápole. “Com o ex-endemoniado inicia a missão entre os pagãos, cada um dos quais é chamado a fazer em primeira pessoa a sua própria experiência de encontro livre com o Senhor” (FAUSTI, 1994, p. 166). Com isso, o campo para a missão entre os gentios está aberto e aquele homem que fez a experiência e foi beneficiado por Jesus não precisa “ficar com Jesus”. Ele está pronto para ir anunciar:

É importante ressaltar o fato de que o primeiro missionário não é um judeu, mas um gentio. Uma vez libertado de seus “demônios”, pode o gentio imediatamente, sem precisar fazer parte de grupos judeus, nem se assimilar a eles, pode imediatamente sair anunciando o Evangelho, isto é, proclamando “o que fez por ti o Senhor na sua misericórdia”. (SOARES; CORREIA JÚNIOR, 2002, p. 79).

É possível que a perícopes tenha tomado este formato com o objetivo de fazer uma forte crítica à dominação romana sobre a Terra Prometida, mas o texto também quer ser uma preparação dos discípulos para a ida em missão. Após a partida de Jesus a evangelização se dará em terras estrangeiras, dominadas por tantos “demônios” que possuem poder de aprisionar e dominar as pessoas, e diante dos quais o poder de Jesus deverá se sobrepor.

Hoje podemos nos perguntar: Nós que recebemos tantas graças de Deus, sabemos anunciar as maravilhas e a misericórdia de Deus aos da nossa casa e das nossas regiões? E a nossa sociedade valoriza mais a vida ou “o lucro dos porcos”? O texto, porém, ensina também que as forças do mal podem sempre ser vencidas: “a potência do mal é enorme, mas é obrigada a retirar-se defronte à força divina e à dignidade de Jesus” (SCHNACKENBURG, 2002, p. 114).

Considerações Finais

Jesus nos ensina que as vocações não nascem prontas. Ele não foi chamar seus discípulos e discípulas nos lugares convencionais: no



Templo de Jerusalém, nas sinagogas ou nas escolas dos fariseus. Foi buscar no chão da vida, nos lugares de trabalho, onde as pessoas moravam ou nas periferias excluídas. Assim como o agricultor que, para ver a colheita, precisa antes ir ao terreno bruto, limpar, preparar, semear a semente, cuidar, acompanhar, Jesus foi buscar à beira do mar e à beira dos abismos da história humana.

Além de não esperar que os discípulos e discípulas viessem a ele, Jesus inovou, agiu diferente pelo fato de ir em busca, e pela novidade de criar formas diferentes de discipulado e missão. As pessoas chamadas formaram, junto com o Mestre, uma nova comunidade fraterna. Assim a missão do Mestre se estende na missão dos discípulos e discípulas.

O desafio vocacional para a Igreja é romper certos paradigmas, colocar-se em saída, como pede o Papa Francisco, “pescar diferente”, mas também propor e deixar-se guiar pelo Espírito Santo para formas novas e diversificadas de discipulado e missão, que respondam às exigências e necessidades das pessoas de hoje.

Às vezes, queremos as vocações prontas, perfeitas. Esquecemos que Deus não escolhe os capacitados, mas capacita os escolhidos. Vocacionar é saber lapidar, ter a paciência histórica, correr riscos e perdas. Um bom exemplo disso é o grupo dos escolhidos e escolhidas por Jesus.

Referências

BOVON, F. *El Evangelio según San Lucas*. 2. ed. Salamanca: Sígueme, 2005.

CNBB. *Vocação: graça e missão*. 3º ano vocacional do Brasil. Texto-Base (TB), Brasília: Edições CNBB, 2023.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. *Conclusões da Conferência de Puebla: Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 2006.

FAUSTI, S. *Una comunità legge il vangelo di Marco*. Milano: Editrice Ancora Milano, 1994.

FAUSTI, S. *Una comunità legge il vangelo di Matteo*. Milano: Editrice Ancora Milano, 1998.



JEREMIAS, J. *Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisas de história econômica-social no período neotestamentário*. São Paulo: Paulus: Academia Cristã, 2010.

MAZZAROLO, I. *Lucas em João. Uma nova leitura dos Evangelhos*. 2. ed. Porto Alegre: Comunicação Impressa, 2004.

PERONDI, I.; CATENASSI, F. Z.; SILVA, G. S. A centralidade da Palavra de Deus em Lucas 5,1-11 (The centrality of the Word of God in Luke 5,1-11) – DOI: 10.5752/P.2175-5841.2013v11n30p682. *HORIZONTE – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 11, n. 30, p. 682-708, 29 jun. 2013.

PIKASA, X. *Com Pedro/Papa, Simão Barjona, chamado Kepa/Pedro. Uma história aberta (I)*. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/629941-com-pedro-papa-simao-barjona-chamado-kepa-pedro-uma-historia-aberta-i>. Acesso em: 1 jul. 2023.

RODRIGUES, C. B.; PERONDI, I.; ROSA, P. Z. C. As mulheres seguiam e serviam Jesus em Lc 8,1-3. *Revista Estudos Bíblicos*. Vol. 35, n. 139, jul./set. 2018, p. 316-329. Disponível em: <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/60>. Acesso em: 1 jul. 2023.

SCHNACKENBURG, R. *Vangelo secondo Marco*. Roma: Città Nuova, 2002.

SOARES, S. A. G.; CORREIA JÚNIOR, J. L. *Evangelho de Marcos*. Vol. I: 1-8. Refazer a casa. Petrópolis: Vozes, 2002.